OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
ISSN: 2976-0402
Número avulso (38)
17 de Julho de 2026
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira

LINHAS SOBRE DAVID ALTENSTETTER E A CRUZ-RELICÁRIO DE FILIPE II/I

PAULO MARTINS OLIVEIRA

Sinopse Apontamento sobre a autoria da cruz-relicário de Filipe II/I, oferecida ao Convento de Cristo.
Palavras-chave David Altenstetter; Filipe II/I Habsburgo; Convento de Cristo; Sé de Lisboa; Gil Vicente.
Online academia.edu archive.org blogspot.com youtube.com
Disponibilização Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY-SA 4.0)

Na revista *Oceanos* n.13 (Março de 1993), Nuno Vassallo e Silva chama a atenção para a exuberante mas algo esquecida cruz-relicário que Filipe II/I originalmente destinara ao Convento de Cristo.

Com essa iniciativa de afirmação política o monarca Habsburgo evocava o avô materno D. Manuel, que havia oferecido à mesma instituição também uma cruz-relicário entretanto desaparecida[1].

No mesmo contributo, o referido historiador argumenta e propõe o nome do ourives germânico David Altenstetter como o possível autor da peça, tendo por base aspectos de contexto histórico e pormenores técnicos relativos aos esmaltes, que distinguiam aquele mestre de Augsburgo.

Actualmente exposta no Tesouro da Sé de Lisboa[2], note-se que a peça em questão apresenta, repetida nos dois lados, a legenda:

PHILIPPVS. REX+M.D.LXXXIII

David Altenstetter (atrib.), Cruz-relicário, Tesouro da Sé de Lisboa [PMO].

1 Nuno Vassallo e SILVA, "A cruz de Filipe I", em *Oceanos* n.13, Março de 1993, CDP, Lisboa, pp.108-111.
2 Para onde transitou aquando da extinção institucional do Convento de Cristo.

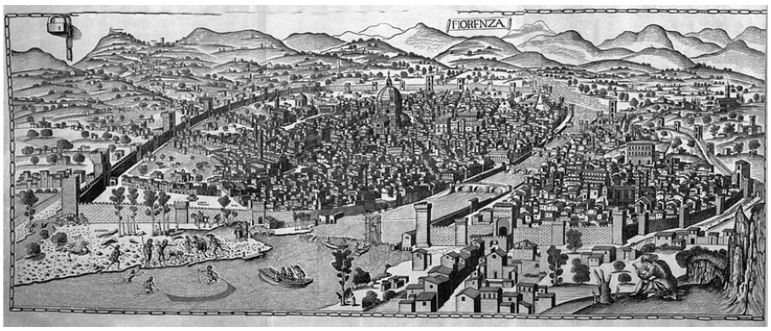
A exposição actual na Sé apenas permite observar a legenda de uma das faces, uma vez que a peça se encontra perto de uma parede[3]. A parte não visível foi todavia reproduzida em fotografia na página 109 da revista acima mencionada (tendo a obra sido então expressamente deslocada para o efeito).

Através desta fotografia, e embora com reservas, a análise da legenda oposta parece, sob o ponto de vista formal, ligeiramente diferente daquela visível ao público, na medida em que o D aparenta (?) ter sido modelado conforme se procura seguidamente reproduzir:

A confirmar-se esta versão alternativa, trata-se efectivamente de um D, mas também de um monograma A/D, que neste caso deverá ser lido "Altenstetter, David" ou directamente "David Altenstetter", por via da deformação ou incongruência inscrita (≈ inversão, mundo ao contrário).

Tal não surpreenderia, pois quando os artistas não podiam identificar expressamente as respectivas autorias, recorriam a artifícios de diversa ordem para modelar subtis monogramas informais[4].

Como exemplo comparativo, atente-se a uma das versões da conhecida imagem quatrocentista de Francesco Rosselli, na qual o E de FIORENZA é inusitadamente transformado num F, indicando pois no centro da palavra o nome do gravador (Rosselli, Francesco / Francesco Rosselli).

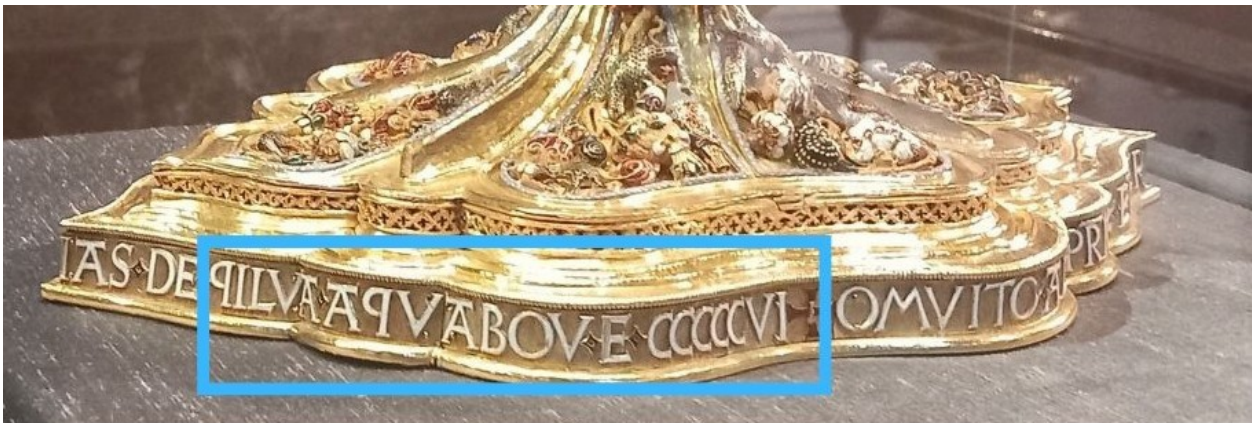


Francesco Rosselli, *Vista de Florença com a corrente*, National Gallery [commons.wikimedia.org].
Versão também reproduzida em Alexandra GRÖMLING, Tilman LINGESLEBEN, *Botticelli*, h.f. Ullmann, 2007, pp.6-7.

3 Pelo espaço intermédio não é difícil fotografar a parte oculta, embora a contraluz e a pouca distância focal não tenham permitido uma nitidez útil para o caso aqui em análise.

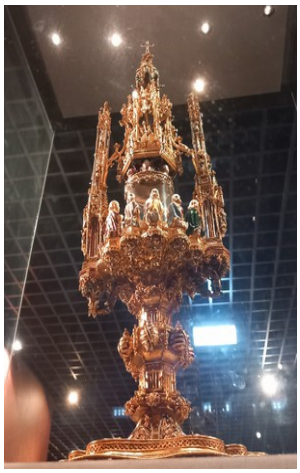
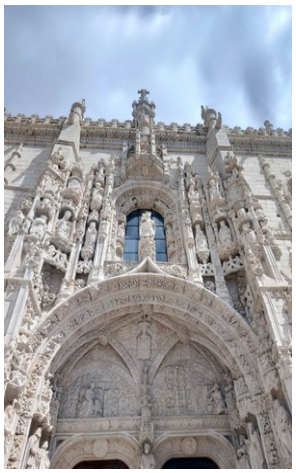
4 No caso da pintura, e relativamente a Álvaro Pires, vejam-se os diversos exemplos em *Álvaro Pires, Mestre da Lourinhã*, 2014 [academia.edu], coligido em *Arte e Novidade em Portugal. Estudos 2002-2016*, pp.51-55 [archive.org]; *Octógono* n. avulso (34) / 12 de Junho de 2026 – "Reconfirmando Álvaro Pires como o Mestre da Lourinhã". [academia.edu | archive.org]; e *Octógono* n. avulso (37) / 8 de Julho de 2026 – "Apontamento sobre um diabólico monograma AP (Álvaro Pires)" [academia.edu | archive.org].

Caso interessante é o da Custódia de Belém, onde Gil Vicente também manipulou letras para assinalar a respectiva autoria, nomeadamente ao preferir deliberadamente um q ao expectável Q, podendo assim sugerir um g – G[il] Vicente. Neste caso não existe inversão das letras, antes pelo contrário, provavelmente para evitar quaisquer equívocos com o então bem conhecido pintor Vicente Gil.



Gil Vicente, Custódia de Belém, det., MNAA [PMO].
No segmento assinalado, e por sobreposição: ꟾIL V[ICENTE] A AꟾVABOV [finalizou a Custódia] E[M] [M]CCCCCVI.
Note-se ainda que o ꟾV em AꟾVABOV também remete para novo exercício com o nome do artista, conforme referido em *Octógono* n.12 / Fevereiro de 2025 – "A legenda vicentina da Custódia de Belém" [academia.edu | archive.org].

Em conclusão, regressando à cruz-relicário de Filipe II/I, e independentemente do eventual monograma, note-se em todo o caso uma relação efectiva e intencional também com a Custódia de Belém, e destas duas peças com o grande Mosteiro dos Jerónimos – a obra de referência do Venturoso (questão a desenvolver em texto próximo).

Custódia de Belém, portal sul dos Jerónimos;
Cruz-relicário de Filipe II/I, portal da portaria dos Jerónimos [PMO].